

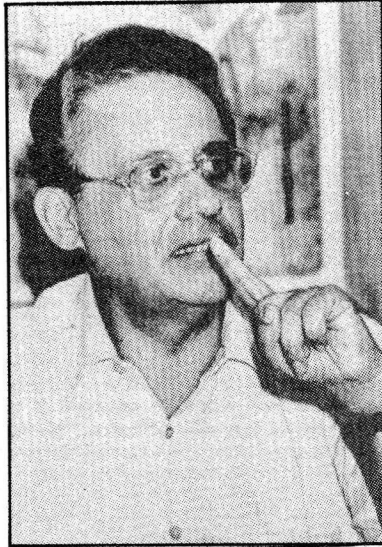
# Negociação deixa o PMDB perplexo e revoltado

BRASÍLIA — A notícia do acordo com os bancos causou reações de surpresa, perplexidade e revolta entre os parlamentares do PMDB. O Presidente do partido, Ulysses Guimarães, até às 20h de ontem não conhecia os termos oficiais do acordo e, embora tivesse se esforçado muito, não conseguira falar com o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Os Senadores Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) e Carlos Chiarelli (PFL-RS), que presidem a Comissão da Dívida Externa do Senado, ficaram perplexos ao conhecerem, no início da tarde de ontem, através do Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, as linhas gerais do acordo com os bancos.

Era praticamente o contrário do que Milliet havia prometido aos Senadores na manhã de quarta-feira e ele foi convocado a voltar ao Senado na segunda-feira, às 10h para novas explicações.

Sobre a mesa de Ulysses Guimarães estava um telex oficioso cujas cópias circularam pelo plenário da Constituinte. No início da noite, o Secretário Geral do Ministério da Fazenda, Mailson da Nóbrega, ligou para Ulysses tentando acalmá-lo, procurando desfazer as inquietações do Presidente do PMDB sobre a sus-



Fernando Henrique Cardoso

pensão da moratória e a ida ao FMI.

Durante toda a tarde, Ulysses quase não fez comentários aos parlamentares que o preocupavam revoltados.

— Não falei sobre a desinformação do PMDB para não ser indelicado — disse o Senador Severo Gomes, que procurou Ulysses para dizer que o

acordo é “inaceitável” para o partido — Mas ele ficou calado.

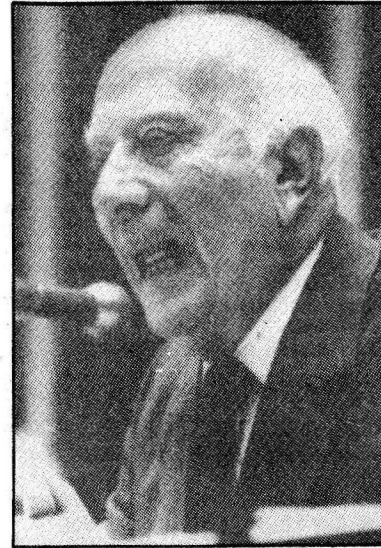
Aos Deputados Hélio Duque e Osvaldo Lima Filho, Ulysses disse que não tinha informações sobre o acordo com os bancos. Osvaldo saiu do gabinete exigindo uma reunião da Executiva do partido para desautorizar o Ministro Bresser Pereira.

A suspensão da moratória e a ida ao FMI, de acordo com vários parlamentares, representa o rompimento do último elo que ligava o PMDB ao Governo.

— O PMDB foi expulso do Governo pela porta dos fundos — comentava o Vice-Líder João Hermann. O Senador Fernando Henrique Cardoso, o único líder do PMDB que não fugiu das entrevistas, assegurava que será muito difícil manter o apoio ao Governo depois do acordo que foi assinado.

— O PMDB não pode aceitar nada que impeça o desenvolvimento — disse Fernando Henrique.

O líder na Câmara, Ibsen Pinheiro, e o líder do Governo, Carlos Santanna, pediram para não dar entrevistas sobre o assunto. No entanto, Carlos Chiarelli, líder do PFL no Senado, ao mesmo tempo em que se divertia com a crise interna do PMDB, estava preocupado com os termos do acordo. Segundo ele, foi pedido um res-



Ulysses Guimarães

paldo político ao Congresso na garantia de que não haveria pagamento de juros e ida ao FMI.

— Mas foi tudo ao contrário. O depósito anunciado é pagamento, haverá acordo com o FMI, pagamento de **spread** e de juros acima do mercado — frisou Chiarelli.

Ele disse que o Presidente do Banco Central terá que explicar porque

houve uma mudança tão brusca de posição.

— Será que faltou gás? Por que houve esta tão profunda mudança de posição? — perguntava Chiarelli.

O ex-líder Pimenta da Veiga anunciou que vai lutar até os seus limites para denunciar os termos do acordo.

— Foi pior do que eu imaginava. Havia a promessa de deságio, cinco anos de carência, um ano de prazo, **spread** zero e juros abaixo do mercado. Saímos da moratória e não conseguimos nada disso. Além do mais, comprometemos a posição da Argentina que, ao que tudo indica, também entraria em moratória — argumentou Pimenta.

Os políticos do PMDB acham que o País está sem reservas e que, no próximo ano, deverá voltar a moratória, se fizer algum tipo de pagamento aos Bancos. O vice-líder na Constituinte, Euclides Scalco, acrescentou que o Governo e o Ministro do PMDB desrespeitaram o programa do partido e a convenção nacional que decidiu a manutenção da moratória.

— Foi uma traição ao PMDB e à Pátria — disse o Deputado Nelton Friederich.